

**guia do  
estudan  
te da fa  
culdade  
de letras  
do porto**

GEOGRAFIA

1988/89

4º ano



C.B.=657035

FACULDADE DE LETRAS DO PORTO

# GUIA DO ESTUDANTE

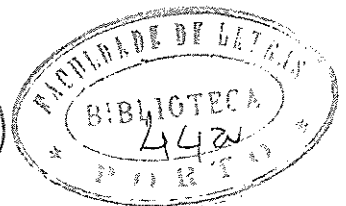
IX



EDIÇÃO DO CONSELHO DIRECTIVO

1988/89

05 (-4)  
br.



Guia do Estudante da FLUP

Publicação anual

Nº 9, 1988-1989

Edição: Conselho Directivo da FLUP

Dactilografia: Margarida Santos; M<sup>a</sup> José

Fernandes; M<sup>a</sup> Isabel Ferreira

Execução e impressão: Oficina Gráfica da FLUP

## 1. NOTA PRÉVIA

Em 1980-1981 iniciou-se a publicação do GUIA DO ESTUDANTE da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, sob a orientação do Conselho Directivo. No presente ano de 1988-89 vêm a público a sua 9ª edição.

Ao longo dos anos, o GUIA DO ESTUDANTE afirmou-se como um instrumento de informação útil para os alunos desta Faculdade. No sentido de reforçar a sua utilidade e difusão, decidiu-se apresentá-lo em fascículos de acordo com os anos de cada curso.

Procedeu-se, assim, à simplificação da introdução, remetendo os estudantes para o folheto Instruções Úteis aos Alunos, que a Universidade do Porto distribuirá gratuitamente no início do ano lectivo à semelhança do anterior. Nelas todos encontram as informações de natureza académica e social indispensáveis para a sua vida estudantil.

## 2. ORGANIZAÇÃO DA FACULDADE

Órgãos de gestão democrática da Escola (Dec. Lei 781-A/76, de 28 de Outubro):

- . Assembleia Geral da Escola
- . Assembleia de Representantes
- . Conselho Directivo
- . Conselho Pedagógico
- . Conselho Científico

A partir de Janeiro de 1989 entrará em funções o Conselho Administrativo, no quadro da Lei Orgânica da Universidade do Porto (Dec. Lei 148/88), de 27 de Abril).

### 3. INSTALAÇÕES

A FLUP está presentemente instalada em dois edifícios, sitos à:

Rua do Campo Alegre, 1055

4100 PORTO

PORTUGAL

TELEF. 698441 (PPC)

A médio prazo, porém, disporá de edifício próprio no Pólo 3 da Universidade do Porto (Área de Expansão).

### 4. SERVIÇOS DA FACULDADE

#### A. Secretaria

Sector de Matrículas e Inscrições

" " Equivalências

" " Médias de Curso.

Horário normal de abertura ao público:

12h00-16h30

Encerra ao Sábado.

## B. Biblioteca Central

A Biblioteca Central constitui um serviço fundamental da FLUP e por isso tem merecido uma atenção particular da parte dos Conselhos Directivos. São utentes de direito os docentes e alunos da FLUP.

Para consulta das obras da Biblioteca Central os alunos devem possuir o cartão de leitor, revalidado todos os anos depois de efectuadas as inscrições.

Tipos de leitura:

- a) de presença: na Sala de Leitura (horário afixado); na Sala de Obras de Referência (livre acesso)
- b) domiciliária (normas regulamentares afixadas na Sala de Leitura)

Sala dos Ficheiros:

- a) Onomástico
- b) Didascálico
- c) CCU (Classificação Decimal Universal)
- d) Cardex (publicações periódicas).

A partir de Janeiro de 1989, a Biblioteca Central oferecerá a possibilidade de pesquisa em linha à Base Nacional de Dados Bibliográficos.

Como é de norma em todas as Bibliotecas, as obras classificadas de "Reservados", as de "referência" (Dicionários, Enciclopédias) e as revistas e publicações periódicas não saem para leitura domiciliária.

O mesmo se aplica às obras pertencentes ao "Fundo Primitivo".

Horário de leitura:

2ª a 6ª feira - 9h00-19h00

Sábados - 9h30-12h00

Os alunos invisuais dispõem do aparelho Optacon, oferecido pela Fundação Calouste Gulbenkian e instalado na Biblioteca Central.

Para além da Biblioteca Central, existem na Faculdade outros núcleos bibliográficos - Institutos, Salas e Centros - alguns dos quais com acesso permitido aos alunos.

Publicações periódicas da FLUP:

. Revista da Faculdade de Letras (Conselho Científico):

Séries de História

Filosofia

Línguas e Literaturas

Geografia

. Portugália (Instituto de Arqueologia)

. Runa (Estudos Germanísticos, em colaboração com a Fac. de Letras de Lisboa)

. Boletim Bibliográfico da Biblioteca Central

. Boletim de Sumários (Biblioteca Central, difusão interna)

. Guia do Estudante (Conselho Directivo)

C. Oficina Gráfica - Balcão de Vendas

Serviço de reprografia da Faculdade e de venda de publicações; apoia as actividades pedagógicas, de investigação e administrativas da Escola.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira - 8h30-19h30

Sábados - 9h00-12h00

Preçário fixado pelo Conselho Directivo.

#### 5. BAR

Serviço de cafetaria e de "snack", dependente dos Serviços Sociais da Universidade do Porto, que estabelece o preçário.

Horário de atendimento ao público:

2ª a 6ª feira - 8h30-14h00

15h00-19h00

Sábados - Encerrado

Entre as 18h00 e as 19h00 funciona com talões pré-comprados.

#### 6. PARQUE DE ESTACIONAMENTO

Reservado aos elementos da FLUP. Entrada pela Travessa de Entre Campos. Zonas demarcadas. Utilização do cartão fornecido pela Secretaria da Faculdade.

Horário: 2ª a 6ª feira - 7h30-23h00

Sábados - 7h30-13h00.

#### 7. ACTIVIDADE ESCOLAR

A. Cursos de licenciatura:

História

Filosofia



Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Portugueses, Est. Port./  
/Fran, Est. Port./Ingl., Est. Ing./Alem., Est. Franc./  
/Aism., Est. Fran./Alem.)

Geografia

Sociologia.

Currículos em vigor em 1988/89:

1º e 2º anos - Portaria nº 850/87

3º e 4º anos - Dec. Lei 53/78,

B. Cursos profissionalizantes:

a) Em ensino (regime transitório) - Port. 850/87

b) Em tradução (Port./Ingl., Port./Franc., Port./Alem. - Port.  
nº 850/87) (regime transitório),

C. Cursos de pós-graduação:

a) Mestrados: em História Moderna

em História Medieval

em Filosofia do Conhecimento

em Educação (proposto)

b) Curso de Especialização em Ciências Documentais - Bibliote-  
cas e Arquivos (2º ano)

D. Curso de Verão para Estrangeiros (em Julho),

8. INDICAÇÕES PEDAGÓGICAS (síntese):

1. Os alunos devem ter em atenção o regime e a tabela das presenças em vigor.

## 2. Profissionalização em ensino (Ramo Educacional)

### - Regime Transitório - 1º ano:

- a) obrigatoriedade da frequência mínima de 2/3 das aulas;
- b) os alunos que concluem a licenciatura têm direito a candidatar-se à inscrição no 1º ano no primeiro concurso aberto após a conclusão da licenciatura;
- c) equivalências concedidas:

Filosofia: Filosofia da Educação - Introdução às Ciências da Educação

LLM: Didáctica da Língua Inglesa - Metodologia do Inglês;

### - Regime Transitório - 2º ano:

- a) estágio nos locais fixados pela Dir. Geral do Ensino Básico e Secundário;
- b) admissão ao ano de estágio com aproveitamento em todas as disciplinas do 1º ano.

## 3. Cursos de Tradução

### a) Para alunos de LLM - possibilidades:

Variantes de Est. Port./Ingl. - trad. Port./Ingl.

" " " Port./Fran. - " Port./Fran.

" " " Fran./Ingl. - " Port./Ingl. ou Port./Fran.

" " " Ingl./Alem. - " Port./Ingl. ou Port./Alem.

### b) obrigatoriedade de frequência mínima:

2/3 das aulas práticas

50% das aulas teóricas.

### c) podem candidatar-se os interessados com a licenciatura nas variantes atrás indicadas, devendo fazê-lo nos dois primeiros concursos após a obtenção do grau.

Artº. 2º - No início do ano lectivo ao apresentar o programa da disciplina (conforme o disposto no Estatuto da Carreira Docente Universitária), deverá o docente apresentar igualmente o plano de avaliação com explicitação dos objectivos pedagógicos-didácticos, modalidades de avaliação, critérios e instrumentos de avaliação a utilizar.

§ 1 - Este plano de avaliação deverá ter em conta as condições concretas de funcionamento de cada disciplina, nomeadamente:

- a) número de alunos
- b) número de docentes
- c) natureza da disciplina

§ 2 - Competirá ao Conselho Pedagógico, sempre que necessário, analisar todos os aspectos inerentes à elaboração e aplicação do referido plano de avaliação.

Artº. 3º - Deve ser promovida a realização de trabalhos escritos e/ou práticos, individuais ou em grupo, a apresentar e a discutir oralmente, na aula ou fora dela. Os docentes deverão acompanhar de perto, em todos os trâmites, a elaboração desses trabalhos e fixar o número máximo de alunos por grupo de trabalho.

- Art.º 4º - Os alunos que reprovem na avaliação contínua ou periódica só poderão fazer exame final na época de recurso (Setembro-Outubro), nas condições fixadas por lei.
- Art.º 5º - Embora não seja permitida qualquer revisão de provas, os alunos, sempre que disso tenham necessidade para a orientação do seu estudo, poderão solicitar aos respectivos docentes a consulta, todas as vezes que exista uma inequívoca finalidade pedagógica. No caso de prestação de prova oral, o aluno tem direito a ser informado acerca da nota que obteve na prova escrita correspondente.
- Art.º 6º - As provas orais de avaliação de conhecimentos devem realizar-se em salas com portas abertas ao público e perante um júri constituído pelo número mínimo de dois docentes ligados à área da cadeira.
- Art.º 7º - Todas as notas relativas a provas ou trabalhos que sirvam de fundamento à classificação final serão publicadas sob a forma de nota quantitativa (escala de 0 a 20).
- Art.º 8º - As classificações a afixar, quando impliquem direito a uma prova oral ou dispensa de exame oral, deverão ser arredondadas (ex: 9,5=10 e 7,5=8).

## Capítulo II - Disposições Especiais

## A - Avaliação Contínua

- Art.º 9º - O processo de avaliação contínua constará de vários tipos de provas, tais como: trabalhos escritos (individuais ou de grupo), relatórios de leituras ou de trabalhos de campo, elaboração de bibliografias críticas, exposições feitas nas aulas, testes, provas orais.
- Art.º 10º - A avaliação contínua só poderá realizar-se em turmas cuja frequência média real não exceda 30 alunos. Em certos casos, poderá haver alteração desse número, mediante pré via autorização do Conselho Pedagógico.
- Art.º 11º - A avaliação contínua obriga à presença do aluno em 3/4 das aulas teóricas, práticas e teórico-práticas. A presença dos alunos deverá ser verificada pela assinatura de folhas de presença, sob a responsabilidade do professor.
- Art.º 12º - A inscrição em avaliação contínua deverá ser feita no decurso do primeiro mês de funcionamento das turmas da disciplina.
- Art.º 13º - Os alunos poderão desistir da avaliação contínua, com possibilidade ainda de escolha de outras modalidades de avaliação, desde que essa desistência não ultrapasse o segundo mês de funcionamento da turma em que se encontram inscritos.
- Art.º 14º - Nas cadeiras que funcionam em regime de seminário pode praticar-se a avaliação contínua.

B - *Avaliação Periódica*

Art.º 15º - O número de provas a realizar em avaliação periódica será de duas escritas, podendo uma delas não o ser, se tal for solicitado pelo aluno e houver acordo por parte do docente.

Quaisquer outras provas que venham a ser realizadas no âmbito de cada cadeira serão facultativas.

§ Único - Sempre que as classificações das provas que excedam o número mínimo de duas sejam consideradas para efeito de média final, serão publicadas como as restantes.

Art.º 16º - A indicação do calendário das provas será oportunamente feita pelo Conselho Pedagógico, tendo em conta a data do início das aulas.

Art.º 17º - Os alunos em avaliação periódica têm direito, nas condições abaixo indicadas, a uma prova de repescagem a realizar com os exames finais da época normal, na sua primeira chamada. Entre a afixação dos resultados das provas de avaliação periódica e a primeira chamada do exame final da época normal deverá mediar um intervalo mínimo de dois dias úteis (o sábado não deve ser considerado dia útil).

Art.º 18º - As condições referidas no Artigo anterior são as seguintes:

1 - Para que haja direito a uma prova de repescagem a nota da outra prova de avaliação periódica terá de ser obrigatoriamente positiva.

2 - Os alunos que tenham obtido uma nota igual ou inferior a sete valores numa

das provas ou a ela tenham faltado deverão sujeitar-se a uma prova de repe-  
scagem sobre matéria respeitante àquela  
prova.

3 - Ficam dispensados da prova de repe-  
scagem, embora possam realizá-la, os alu-  
nos que tenham obtido numa das provas  
nota de oito ou nove valores, desde que  
a média das notas das suas provas seja  
positiva. Esta dispensa não se aplica  
caso a média seja negativa, sendo en-  
tão necessária prova de repe-  
scagem para obtenção de passagem em avaliação pe-  
riódica.

4 - A nota obtida na prova de repe-  
scagem an-  
ula a nota da prova que substitui, não  
se seguindo o critério usado no exame des-  
tinado a melhoria de nota.  
Para que os alunos se considerem aprova-  
dos, a média final terá de ser positiva  
e em nenhuma das provas a nota poderá ser  
igual ou inferior a sete valores.

Art.º 19º - Em caso algum a prova de repe-  
scagem se des-  
tina a melhoria de nota, não podendo, por  
consequente, substituir uma prova classifi-  
cada com nota positiva.

Art.º 20º - 1 - A inscrição do discente na avaliação pe-  
riódica far-se-á pela sua presença na  
primeira prova de avaliação, ou por de-  
claração escrita entregue ao professor  
até à realização dessa mesma prova.

2 - É permitido ao discente a desistênci-  
a da avaliação periódica. Essa desistênci-  
a de-  
verá ser comunicada ao professor até à da-  
ta da segunda prova de avaliação periódica.

Art.º 21º - No caso das línguas vivas, sem prejuízo do

disposto nos art.ºs 16, 17 e 18 na parte que lhes é aplicável, a avaliação periódica consta de dois tipos de provas: escritas e orais. As provas escritas precedem a oral e obrigam a uma média mínima de 9 valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no artigo 8, sendo uma delas obrigatoriamente positiva.

- § 1 - Cabe aos leitores fixar o momento da realização dessa prova oral, observando o mínimo de intervalo de 48 horas após a fixação dos resultados das provas escritas.
- § 2 - A classificação final deve obter-se pela média entre a nota da prova oral e a média alcançada entre as provas estipuladas pelo artigo 21.
- § 3 - A prova oral não pode ser entendida como prova de repescagem

### C - Avaliação Final

- Art.º 22º - O exame final é constituído por uma prova escrita e uma prova oral, devendo aquela anteceder sempre esta.
- Art.º 23º - A nota mínima da admissão à oral será de oito valores, tendo em conta os arredondamentos fixados no Art.º 8º.
- Art.º 24º - Os alunos que tenham nota igual ou superior a dez valores ficam dispensados da prova oral; mas, mesmo dispensados, podem requerê-la, para o que devem dirigir-se à Secretaria no prazo de 48 horas após a afixação das notas da prova escrita.
- Art.º 25º - O artigo anterior não se aplica às línguas estrangeiras, em que a prova oral é sempre obrigatória, excepto no caso de não-admissão previsto no Art.º 23º.



- Art.º 26º - O regime de obrigatoriedade de prova oral nas condições do número anterior poderá ser estendido a qualquer outra disciplina por decisão do Conselho Pedagógico, sob proposta do responsável pela cadeira e ouvido o responsável pela respectiva área do Conselho Científico.
- Art.º 27º - Sempre que se realize a prova oral, o resultado final será a média obtida entre a nota escrita e a nota oral.
- Art.º 28º - A prova oral do exame final realizar-se-á em sala de porta aberta ao público e perante um júri constituído no mínimo pelo regente da cadeira ou turma e por mais um docente do curso.

### Capítulo III - Observações Finais

- Art.º 29º - Deverão promover-se as formas mais convenientes de integração activa dos alunos nas aulas, tanto na modalidade de avaliação periódica como na preparação para o exame final.
- Art.º 30º - A matéria versada nos testes será a que tiver sido leccionada até sete dias antes do início do calendário estabelecido para a realização das provas.
- Art.º 31º - As datas das provas deverão ser afixadas com uma antecedência mínima de 15 dias.
- Art.º 32º - Segundo as normas legais, os alunos podem prestar só duas provas na época de recurso (Setembro - Outubro), independentemente dos resultados obtidos na época normal (Julho). (Situações mais complexas, de acordo com o Art.º 8º da Portaria 886/83, de 22 de Setembro, ficam dependentes de despacho reitoral. Ver também observações Importantes - I).

Art.º 33º - Os docentes e discentes devem recorrer ao Conselho Pedagógico sempre que estas normas se revelem omissas, deixem dúvidas de interpretação ou surjam diferendos de natureza pedagógica decorrentes da sua aplicação.

Observação final: Para melhoria de nota, os alunos poderão sujeitar-se de novo a exame na época de recurso (Setembro - Outubro) ou na época normal (Julho) do ano lectivo seguinte.

Para melhor esclarecimento, transcrevem-se a seguir os Art.ºs 7º, 8º, 9º e 10º da Portaria nº 886/83 de 22 de Setembro:

Art.º 7º - (*Época Especial*): Na época especial cada aluno pode prestar provas de exame final em disciplinas a cujo exame nas épocas normal ou de recurso não haja comparecido ou, tendo comparecido, dele haja desistido ou nele haja sido reprovado, até um número máximo fixado nos termos do nº 8º, desde que com a aprovação em tais disciplinas, reúna as condições necessárias à obtenção de um grau ou diploma.

Art.º 8º - (*Número de exames das épocas de recurso e especial*):

- 1 - Cabe ao Reitor da Universidade ou Instituto Universitário fixar, sob proposta do estabelecimento de ensino em causa, o número máximo de exames a que os alunos podem ser admitidos na época de recurso e na época especial.
- 2 - Em relação à época de recurso, o reitor poderá igualmente fixar um número máximo de exames especiais para alunos que com a aprovação nos mesmos reúnam as condições neces-

sárias à obtenção de um grau ou diploma.

- 3 - Em relação às épocas de recurso e especial, o reitor poderá igualmente fixar um número máximo de exames para alunos em determinadas situações, atentos problemas específicos de uma disciplina, ano, curso ou estabelecimento.

Art.º 9º - (*Regra supletiva*): Na ausência do despacho a que se refere o nº 8º o número de exames será o seguinte:

- a) Época de recurso: exames de 2 disciplinas anuais ou 4 semestrais;
- b) Época de recurso para os alunos a que se refere o nº 2 do nº 8º: exames de 3 disciplinas anuais 6 semestrais;
- c) Época especial: exames de 2 disciplinas.

Art.º 10º - (*Chamadas*): As regras gerais de avaliação de conhecimentos de cada estabelecimento de ensino poderão prever a existência de 2 chamadas em relação a cada exame na Época normal de exames.

#### OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

- I - Ao abrigo da presente portaria, na sua reunião de 28 de Maio de 1984, o Conselho Científico propôs "a realização de dois exames quer na época de recurso (Set./Out.), quer na especial (Dezembro)".
- II - Os alunos que desejem fazer exames para melhoria de nota na época de Julho do ano seguinte àquele em que obtiveram a passagem nas disciplinas cujas notas pretendem melhorar, *têm de se cingir aos programas leccionados durante o ano lectivo em que terá lugar o*

*novo exame e de prestar provas com o docente ou docentes que ministraram os referidos programas.*

- III - O Conselho Pedagógico, na sua reunião de 30.6.86, lembra ainda que os Senhores Professores devem cumprir, no início do ano lectivo, os Art.ºs 1º e 2º e recomenda que pormenorizem, tanto quanto possível, o tipo de avaliação por que optarem, com vista a um maior esclarecimento dos alunos.

#### 11. CALENDÁRIO ESCOLAR PARA 1988-1989

- 1º - Cada semestre escolar terá a duração efectiva de 14 semanas.
- 2º - O início efectivo das aulas terá lugar entre 1 e 10 de Outubro de 1988.
- 3º - Recomenda-se que o período normal de avaliação termine em 15 de Julho, sendo a data limite para a sua conclusão 27 de Julho de 1989.
- 3º - A época de recurso decorrerá entre 1 e 20 de Setembro de 1989.
- 4º - Períodos de férias:
  - Natal: 17 de Dezembro de 1988 a 3 de Janeiro de 1989.
  - Carnaval: 4 a 8 de Fevereiro de 1989.
  - Páscoa: 20 de Março a 2 de Abril de 1989.
- 5º - Queima das Fitas (tolerância de ponto): 30 de Abril a 7 de Maio de 1989.
- 6º - Datas limites para envio das distribuições de serviço docente à Reitoria:
  - 31 de Outubro (1º semestre) de 1988.
  - 28 de Fevereiro (2º semestre) de 1989.
- 7º - As Escolas, ouvidos os respectivos Conselhos Pedagógicos, fixarão até 30 de Novembro de 1988 o calendário dos exames para o ano lectivo de 1988/89.



- . Geografia das Regiões Tropicais
- . Técnicas de Aplicação
- . Opção \*
- . Opção \*

- \* . Cartografia
  - . Planeamento de transportes
  - . Geomorfologia
  - . Geografia Urbana
  - . Climatologia
  - . Geografia Rural
  - . Antropologia Cultural
  - . Sociologia Rural e Urbana
  - . Geografia Locativa
  - . Estatística Complementar



## GEOGRAFIA DAS REGIÕES TROPICAIS

Docente: Dra. Maria Assunção Araújo

### A - ASPECTOS NATURAIS: AULAS TEÓRICAS

Introdução: Definição do conceito de "regiões tropicais"

#### 1 - O clima:

- 1.1. Insolação e balanço térmico
- 1.2. A circulação na zona intertropical: sua integração na circulação atmosférica global.
- 1.3. Mecanismos de tipo climático actuantes nas regiões tropicais.
- 1.4. Apresentação da classificação de Köppen.
- 1.5. Tipologia dos climas das regiões tropicais.

#### 2 - Formações vegetais e fauna

- 2.1. Características gerais da vida vegetal e animal nas regiões tropicais.
- 2.2. As diferentes variedades de florestas tropicais: sua adaptação a condições climáticas diversas
- 2.3. Os espaços abertos: estepe e savana.
- 2.4. O problema da origem das savanas.

#### 3 - Meteorização e solos

- 3.1. A meteorização. A importância da alteração química das rochas.
- 3.2. Tipologia dos solos.



### 3.3. Gênese das couraças

## 4 - Hidrologia

### 4.1. Regimes fluviais

### 4.2. Perfil longitudinal e traçado em planta dos cursos de água.

## 5 - Geomorfologia

### 5.1. Aspectos estruturais do conjunto das regiões tropicais

### 5.2. Mecanismos morfogenéticos

### 5.3. Morfogênese das regiões de floresta

### 5.4. Morfogênese das regiões de savana

### 5.5. Morfogênese das regiões de estepe

### 5.6. Formas poligénicas

### 5.7. As montanhas tropicais

### 5.8. Geomorfologia litoral

## BIBLIOGRAFIA

- DAVEAU, S.; RIBEIRO, O. - *La zone intertropicale humide*, col. U, Paris, ed. Armand Colin, 1973, 274 p.
- DEMANGEOT, J. - *Les espaces naturels tropicaux*, col. Géographie, Paris, Masson, 1976, 190 p.
- DEMANGEOT, J. - *Les milieux naturels désertiques*, Paris, SEDES, 1981, 261 p.
- PLANHOL, X.; ROGNON, P. - *Les zones tropicales arides et subtropicales* col. U, Paris, Armand Colin, 1970, 487 p.
- PÉDELABORDE, P. - *Introduction à l'étude scientifique du climat* Paris, SEDES, 1970, 246 p.

- TRICART, J. - *Le modelé des régions sèches*, Paris, SEDES, 1969, 472 p..
- TRICART, J. - *Le modelé des régions chaudes, forêts et savanes*, 2<sup>a</sup> edição., Paris, SEDES, 1974, 337 p..
- TREWARTHA, G. - *An introduction to climate*, McGraw-Hill, N. York, 1968, 408 p..



## CARTOGRAFIA

Docente: Dr. Bernardo de Serpa Marques

### Aulas Teóricas

- 1- Cartografia: definição e conceitos de base; aplicações.
- 2 - Evolução da Cartografia.
- 3 - Bases geométricas da Cartografia.
- 4 - Cartografia e representação gráfica.
- 5 - Características fundamentais da simbologia.
- 6 - Análise cartográfica do espaço.
- 7 - A Cartografia como método de expressão em diversos ramos da Geografia: mapas geomorfológicos, mapas climáticos, mapas de solos e de vegetação, mapas geológicos, a cartografia da população e a representação de outros factos humanos...

### Aulas Práticas

- 1 - Análise e discussão de técnicas cartográficas utilizadas em alguns mapas recentes.
- 2 - Elaboração de relatórios de análise e comentário de mapas.
- 3 - Exercícios de aplicação.
- 4 - Realização de um trabalho escolhido pelo aluno e a desenvolver fundamentalmente através de representação cartográfica.

### BIBLIOGRAFIA

ANDRÉ, Albert - *L'Expression Graphique: cartes et diagrammes*, Masson, Paris, 1980.

- BERTIN, Jacques - *La Graphique et le traitement graphique de l'information*, Flammarion, Paris, 1977.
- *SÉMIOLOGIE GRAPHIQUE*, Mouton-Grutier-Villars-Bordas, Paris, 1973.
- BONIN, Serge - *Initiation à la Graphique*, EPI, Paris, 1975.
- BORD, Jean-Paul - *Initiation Géo-Graphiques*, SEDES, Paris, 1984.
- JOLY, Fernand - *La Cartographie*, PUF, Paris, 1976.
- MONKHOUSE & WILKINSON - *Mapas Y Diagramas*, Oikos-Tau, Barcelona, 1966.
- MUEHRCKE, Phillip C. - *Map Use - Reading, analysis and interpretation*, J.P. Publications, Madison-Wisconsin, 1978.
- RAIZE, Erwin - *Cartografia Geral*, Editora Científica, Rio de Janeiro, 1969.
- RIMBERT, S. - *Cartes et Graphiques, Initiation à la Cartographie*, CDU, Paris,
- *Leçons de Cartographie Thématique*, SEDES, Paris,
- SPEAK & CARTER - *Map Reading and Interpretation*, Longman, Londres, 1970.
- STEINBERG, Jean - *La Carte Topographique*, SEDES, Paris, 1982.

## PLANEAMENTO DE TRANSPORTES

Docentes: Eng<sup>o</sup> António José Lacerda

Eng<sup>o</sup> Nuno Cardoso

### Aulas Teóricas

#### 1. Considerações iniciais

1.1. O conceito de transporte

1.2. O sistema de transporte em Portugal

#### 2. Binómio espaço-transporte

2.0. Considerações gerais

2.1. Transporte e estrutura espacial

2.2. Transporte e processos espaciais

2.3. Impacto das infraestruturas de transporte

2.4. O ordenamento territorial e o planeamento de transportes.

#### 3. Análise estrutural de redes de transporte

3.1. A rede como um grafo

3.2. Conectividade

3.3. Estádios de crescimento de uma rede

3.4. Acessibilidade nodal

3.5. A interpretação das hierarquias a partir da teoria dos grafos

#### 4. A programação linear e o planeamento de redes de transporte

4.1. Noções elementares de programação linear

#### 4.2. O problema dos transportes

### 5. Planeamento de transportes

5.1. A nível nacional

5.2. A nível de uma área metropolitana

5.3. A nível regional e sub-regional

5.4. A nível municipal

#### Aulas Práticas

1. Fontes e obtenção de dados

Tratamento da informação

2. Análise de impactos de infraestruturas de transporte

- no sistema de transportes

- na organização sócio-económica do espaço

3. Aplicação da teoria dos grafos

4. Aplicação do problema de transportes

5. Estudos de transporte de âmbito municipal.

#### BIBLIOGRAFIA

BRUTON, Michael - *Introduction to Transportation Planning*, Hutchinson, 1970.

CESUR - Curso "A Rede de Transportes"

DGTT/RISCO - *Manual de Planeamento e Gestão de Transportes*, 1985.

TAAFFE & GAUTHIER - *Geography of Transportation*, Prentice-Hall, 1973.

- C.N.R.S. - *Études de Suivi et Processus de Décision*, 1980.
- C.N.R.S. - *Évaluation des Transports Urbains et Régionaux*,  
1984.
- INRETS - *Les Effets Économiques et Sociaux des Aménagements de transports*, 1985.

Nota: Facultar-se-ão, no decurso das aulas, outros trabalhos de diversos autores que versam pontos específicos do programa.



## GEOMORFOLOGIA

Docente: Dr. Carlos Bateira

### TEÓRICA

- I. Geomorfologia Estrutural.
  1. As grandes unidades estruturais do globo.
    - a) Regiões de Geosinclinal.
    - b) Regiões de plataforma.
  2. As grandes unidades morfo-estruturais.
    - a) Os escudos.
    - b) Os maciços antigos.
    - c) As bacias sedimentares.
  3. Formas Estruturais elementares.
- II. Evolução de vertentes.
  1. A vertente como sistema.
  2. A água na vertente.
    - a) Fontes e componentes da escorrência.
    - b) Os modelos de escorrência de Horton e Hewlett.
  3. Processos geomorfológicos de evolução de vertentes.

#### 4. Modelos de evolução de vertentes

##### PRÁTICA

1. Trabalho de gabinete: iniciação à cartografia geomorfológica.
2. Iniciação ao trabalho de campo: levantamento de campo em área a definir com os alunos.

##### BIBLIOGRAFIA BASE:

- CAZALIS, P. - *Geomorphologie et processus expérimental*.  
Cahier de géographie de Québec, nº 9 1961.
- CHRISTOFOLETI, A. - *Geomorfologia*, S. Paulo, 1974.
- CHORLEY, Richar J. - *Geomorphology*, Londres, 1984.
- COQUE, Roger - *Geomorphologie*, Paris, 1977.
- DERREAU, M. - *Précis de geomorphologie*, Paris, 1974.
- JOLY, F. - *Points de vue sur la geomorphologie*, Ann  
nales de Géographie, Sept-Oct., nº 477,  
86 ano, 1977.
- MATTAUER, M. - *Les déformations des matériaux de l'écor*  
ce terrestre, Paris, 1980.
- MORISAWA, M. - *Rivers. Form and process*. Nova York, 1985.
- STRAHLER, A. N. - *Physical geography*, Nova York, 1975.
- TRICART, J. - *Précis de geomorphologie*, tomos I e II,  
Paris, 1977.
- YOUNG, A. - *Slopes*, Edinburgh, 1972.

## GEOGRAFIA URBANA

Docente: Dr. Luís Paulo Saldanha Martins

1. A Geografia Urbana - conceitos e particularidades metodológicas.
2. O processo de Urbanização - do aparecimento da cidade à actualidade.
3. Organização do espaço urbano - estruturas morfológicas e funcionais.
4. A faixa peri-urbana e o "campo urbano".
5. Rede urbana e seus problemas.

### BIBLIOGRAFIA

- BAILLY, A. S. - *L'organisation urbaine, théories et modèles*, 2<sup>a</sup> ed., Paris, Cru, 1978.
- BEAUJEU-GARNIER, J.; CAHBOT, G. - *Geographie Urbaine*, Paris, Armand Collin, 1963.
- BERRY, Brian J. L. - *Geografia de los centros de mercado e distribución al por menor* Barcelona, Vicens - Vives, 1971.
- BERRY, Brian J. L.; HORTON, F. E. - *Geographic perspectives on urban systems*, New Jersey, Prentice-Hall, 1970.
- CARTER, Harold - *The study of urban Geography*, 3<sup>a</sup> ed., London, Arnold, 1981.
- CHALINE, Claude - *La dynamique urbaine*, Paris, PUF, 1980.
- CLAVAL, Paul - *La logique des villes*, Paris, Litec, 1981.
- DEZERT, B.; BASTIE, J. - *L'espace urbain*, Paris, Masson, 1980.

- EXLINE, C. H.; et al - *The city*, Boulder, Westview Press, 1982.
- HAGGETT, P. - *Geography a modern synthesis*, 3<sup>a</sup> ed., New York, Harper & Row, 1979.
- HERBERT, D. T.; JOHNSTON, R. J. - *Geography and the urban environment*, s.l. John Willey, 1980.
- HERBERT, D. T.; THOMAS, C. - *Urban geography a first approach*, s.l. John Willey, 1982.
- JOHNSTON, R. J. - *City and society*, s.l. Peter Hall, 1980.
- LAUWE, P. H. C. de - *La fin des villes, mythe ou réalité*, Paris, Calmann-Lévy, 1982:
- MAYER, Harold; KOHN, C. F. - *Readings in Urban Geography*, Chicago, U. C. Press, 1959.
- MERLIN, P. - *Méthodes quantitatives et espace urbain*, Paris, Masson, 1973.
- PEREIRA DE OLIVEIRA, J. M. - *O espaço urbano do Porto*, Coimbra, 1973.
- SHORT, J. R. - *An introduction to Urban Geography*, London, Routledge & Kegan Paul, 1984.
- TOSCHI, U. - *La città*, Turin, 1966.
- VICKERMAN, R. W. - *Urban economics*, Oxford, Philip Allen, 1984.

## CLIMATOLOGIA

Docente: Dra Ana Maria Rodrigues Monteiro de Sousa

### I - Noção de Climatologia.

1. A importância da noção de escala nos estudos de climatologia.

### II - Elementos de Climatologia

1. A atmosfera: composição, estrutura e trocas energéticas.
2. Balanço energético Terra-Atmosfera.
3. Humidade Atmosférica: evaporação, humidade, condensação, formação de precipitação, trocas adiabáticas, estabilidade e instabilidade.
4. Movimento atmosférico.
5. Massas de ar, frentes e depressões.

### III - Noção de Microclima.

1. As relações do Homem e dos Animais com o microclima (comportamento, habitação, etc.).
2. A cidade.
  - a) Balanço energético na cidade.
  - b) Balanço hídrico na cidade.
  - c) Alterações no comportamento de alguns elementos climáticos.
  - d) Estratégias para um eficaz planeamento ambiental na cidade.
3. Ecoclimatologia florestal.
  - a) Radiação num povoamento florestal.
  - b) Balanço calórico, vento, temperatura, humidade, orvalho, chuva, geadas num povoamento florestal.

## BIBLIOGRAFIA

- ARLÉRY, R. H. Crisillet, B. Guilmet - *Climatologie-méthodes et pratiques*, 2ª edition, 1973.
- CHORLEY, R. J., Barry, R.G. - *Atmósfera, tiempo y clima*, Barcelona, Ediciones Omega, 1978.
- DOUGLAS, Yan - *The urban environment*, Edward Arnold (publishers) Ltd, 1983.
- GEIGER, R. - *Manual de Microclimatologia-o clima da camada de ar junto ao solo*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian,
- RIEHL, Herbert - *Introduction to atmosphere*, Third edition, Mc Graw Hill, INC, 1965.

NOTA: Outra bibliografia específica será fornecida no decurso do ano lectivo.

## GEOGRAFIA RURAL.

Docente: Dra. Maria Helena Mesquita Pina

1ª PARTE: O ESPAÇO RURAL E AS EXIGÊNCIAS DA HUMANIDADE - ( Até finais do século XIX).

### A VIDA AGRÍCOLA ATÉ AO FINAL DA IDADE MÉDIA

- 1 - O contributo romano para o arroteamento do Ocidente Europeu.
  - 1.1. O vicus.
  - 1.2. O domínio espacial das villae (séc. V a meados do séc. VIII).
  - 1.3. O domínio útil e directo da terra.
- 2 - A Economia de troca.
  - 2.1. As migrações do século VIII.
  - 2.2. O comércio no Mediterrâneo e na costa atlântica.
- 3 - Expansão económica (do séc. X ao séc. XII).
  - 3.1. "O bosque era um mundo de lenhadores e rebanhos - séc. XI", segundo March Bloch.
  - 3.2. Novas técnicas e novas alfaias agrícolas; sua incidência na expansão do lavradio.
  - 3.3. "As três etapas de arroteamento", segundo G. Duby.
  - 3.4. Os senhores do séc. XIII são "capitalistas do solo" - segundo March Bloch.
  - 3.5. A ocupação do solo arável.

### TRANSFORMAÇÕES NA ECONOMIA MUNDIAL (Desde 1580 ao final do séc. XIX).

- 1 - Fundamentos históricos e económicos.
- 2 - Reflexos da expansão dos impérios coloniais na agricultura a nível mundial.

- 2.1. Posse da terra
- 2.2. Formas de ocupação e exploração do solo.
- 2.3. Problemas sociais do mundo rural.

2a PARTE: GEOGRAFIA AGRÁRIA COMPARADA A NÍVEL MUNDIAL (Séc. XX)

TIPOS DE REFORMAS AGRÁRIAS

- 1 - No sistema socialista.
- 2 - No sistema capitalista.

TIPOS DE ESTRUTURAS AGRÁRIAS

- 1 - No domínio euro-asiático.
- 2 - Na América do Norte.
- 3 - No domínio inter-tropical

3a PARTE: O ACTUAL ESPAÇO RURAL E O SEU FUTURO

A INDUSTRIALIZAÇÃO EM MEIO RURAL.

A FUNÇÃO RESIDENCIAL NO ESPAÇO RURAL.

O TURISMO EM MEIO RURAL.

BIBLIOGRAFIA

- ABEL, W. - *Crises agraires en Europe, (XIII-XX siècles)*, Paris, Flammarion, 1973.
- BADOUIN, Robert - *Économie rurale*, Paris, col. "U", Armand Colin, 1971.
- BOIS, G. - *Crise du féodalisme. Économie rurale et démographie en Normandie Orientale du début du XIV siècle au milieu du XVI siècle*, Paris, 1976.
- BERGER, Alain - *La nouvelle économie de l'espace rural*, Paris, Ed. Cujas, 1975.



FARCY, Henri - *L'espace rural*, Que sais-je? 2a ed., 1980.

DORFMANN, Michael, - *Les nouvelles strategies de développement de regions de montagne*, in "Rev Economie et Humanisme", no 271, Mai-Juin, 1983, p. 56-62.

## ANTROPOLOGIA CULTURAL

Docente: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves.

1. Da etnografia à Antropologia cultural.
  - 1.1. Origens e desenvolvimento da A. Cultural.
  - 1.2. Relações com as Antropologias especiais e com outras ciências.
  - 1.3. A pretensão à superioridade cultural.
  - 1.4. Trajectória da A. (Cultura) portuguesa.
2. Dinâmica interna da A. cultural: conceitos, problemáticas, tipologias.
  - 2.1. Significado antropológico de cultura.
  - 2.2. Factores de cultura.
  - 2.3. Valores culturais, sistemas e padrões culturais.
  - 2.4. Relatividade cultural e etnocentrismo.
  - 2.5. Aculturação e enculturação.
3. Investigação antropológica.
  - 3.1. Objecto.
  - 3.2. Método e técnicas, indução, observação participante, experiência significativa, complexidade e reversibilidade.
  - 3.3. Etapas: recolha de dados, análise, interpretação.

- 3.4. Projecto teórico e trabalho de campo.
4. Síntese das principais orientações teóricas.
  - 4.1. Evolucionismo, funcionalismo, estruturalismo.
  - 4.2. Culturalismo e dinamismo.
  - 4.3. Sociocibernética e teoria dos sistemas so  
ciais.
  - 4.4. Etnografia portuguesa.
5. Cultura e comunicação.
  - 5.1. Interação entre o biológico e o cultural.
  - 5.2. Cultura e linguagem.
  - 5.3. Estruturação do tempo, do espaço e dos ob  
jectos.
    - 5.3.1. O passado vivido: memórias sociais,  
mitos históricos... e o futuro an-  
tecipado: utopia, ciência, ficção,  
futorologia.
    - 5.3.2. Os modelos de mobilidade espacial.
    - 5.3.3. Técnicas materiais: informática, ro  
bótica, manipulação genética; técni-  
cas culturais: media, publicidade,  
propaganda, os grandes rituais...
  - 5.4. Estruturação das relações humanas.
  - 5.5. Factores socioculturais e formas das  
casas e dos aglomerados.
  - 5.6. Características fundamentais da cultura

portuguesa: constantes culturais e diferenças regionais.

6. Dinâmica das sociedades tradicionais.

- 6.1. O homem e a terra: posse fundiária; condições e formas de produção e de circulação de bens materiais.
- 6.2. O homem e a colectividade: carácter sociopolítico das relações de parentesco; poder doméstico e poder político.
- 6.3. O homem e as representações simbólicas.
- 6.4. O homem e a máquina social.

II - PRÁTICAS

7. Métodos e técnicas.

- 7.1. A análise de conteúdo.
- 7.2. A análise autobiográfica.
- 7.3. A análise etnobiográfica.

8. Modelos culturais e práticas sociais nas comunidades rurais.

- 8.1. Códigos culturais e "inconsciente cultural"; códigos institucionais do "real"; códigos institucionais da prática social.
- 8.2. Prática social e efeitos culturais.
- 8.3. Urbano/rural: modificações das relações de força.
- 8.4. Cultura e dominação do devir no meio rural.

BIBLIOGRAFIA:

1. AKOUN, A. (dir.) - *Dicionário de antropologia*, Ed. Verbo, Lisboa, 1983.
- AUGE, M. - *Un ethnologue dans le métro*, Hachette, Paris, 1986.
- COPANS, J.; GODELIER, M. - *Antropologia, ciência das sociedades primitivas?*, Edições 70, Lisboa, 1974.
- DIAS, J. - *Antropologia cultural*, Assoc. do Inst. Sup. de Estudos Ultram., Ciclos. Lisboa 1956/57.
- EVANS-PRITCHARD, E., E. - *Antropologia social*, Edições 70, Lisboa, 1978.
- GONÇALVES, A. C. - *Antropologia Cultural*, Inst. de Geografia, FLUP, 1984.
- MORIN, E. - *La Méthode - La nature de la nature*, Seuil, Paris, 1977; *Science avec conscience*, Fayard, Paris, 1982.
- PANOFF, M.; PERRIN, M. - *Dictionnaire de l'ethnologie*, Payot, Paris, 1973.
2. BERNARDI, B. - *Introdução aos estudos etnoantropológicos*, Edições 70, Lisboa, 1974.
- LEROI-GOURHAN, A. - *Le geste et la parole*, 2 vol., A. Michel, Paris, 1964 e 1965.
- MURDOCK, G. P. - *Nuestros Contemporáneos Primitivos*, Fondo de Cultura Economía, Mexico, 1975.

3. BALANDIER, G. - *Antropologues*, Stock, Paris, 1974;  
*Histoires d'autres*, Stock, Paris, 1977.
- CRESWELL, R. (dir.) - *Éléments d'ethnologie*, A. Colin, Paris, 1975.
4. COPANS, J. - *Críticas e políticas da antropologia*.  
 Edições 70, Lisboa, 1981.
- MENDES CORREIA, A. A. - *A Escola Antropológica Portuguesa*,  
 Inst. de Antropologia da Univ. do Por  
to, 1941;  
 - *Contribuições para o estudo da antro*  
*po* *lo* *gia* *portuguesa*, Inst. de Antrop. da  
 Univ. de Coimbra, 1941.
- MERCIER, P. - *Histoire de l'anthropologie*, PUI, Pa-  
 ris, 1971.
5. ARROYO, A. - "O povo português", in *Notas sobre Po*  
tu  
gal, Imprensa Nacional, Lisboa, 1908,  
 vol. 1. 73-100.
- BATESON, G. - *Vers une ecologie de L'esprit*, Seuil,  
 Paris, 1978.
- DIAS, J. - *Os elementos fundamentais da cultura*  
*portuguesa*, Imprensa Nacional, Lisboa,  
 1985;  
 - *Estudos de carácter nacional português*,  
 Junta de Investigação do Ultramar, Lis  
boa, 1971.

- HALL, E. I. - *The Hidden Dimension*, Anchor Press, Doubleday, 1966.
- *The Danse of Life*, Anchor Press, Doubleday, 1985.
- RAPPOPORT, A. - *House Form and culture*, Prentice Hall, Englewood Cliffs, 1969.
6. CLASTRES, P. - *La société contre l'Etat*, Minuit, Paris, 1974.
- GONÇALVES, A. C. - *Restauração do poder político e inovação social na sociedade Kongo*, Inst. Sup. Econ. e Social, Evora, 1984;
- *Kongo, le Vignage contre l'Etat*, Inst. de Invest. Ciênt. Tropical, Lisboa, 1985.
- LAPIERRE, J. W. - *Vivre sans Etat?*, Seuil, Paris, 1977.
- MAUSS, M. - *Sociologie et anthropologie*, PUF, Paris, 1983.
- *Ensaio sobre a dívida*, Edições 70, Lisboa, 1970.
7. BARDIN, L. - *Análise de conteúdo*, Edições 70, Lisboa, 1979.
- BERTAUX, D. (ed.) - *Bio graphy and Society. Life History Approach in the Social Sciences*, Sage Publ. London, 1981;
- "L'approche biographique. Sa validité méthodologique, ses potentialités", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Vol. LXIX, 1980.

- BIOCCA, E. - *Yanwama. Récit d'une femme brésilienne enlevée par les Indiens*, Plon, Paris, 1976.
- CATANI, M.; MAZI, S. - *Tante Suzanne. Une histoire de vie sociale*, Méridiens, Paris, 1982.
- CIPRIANI, R. (dir.) - *La metodologia delle storia di vita. Dall'autobiografia alla life history*, Euroma-La Goliardica, Roma, 1987.
- DESMARAIS, D.; GRELL, P. (eds.) - *Les Récits de vie: théorie, méthode et trajectoire types*, Ed. Saint-Martin, Montréal, 1986.
- FERRAROTTI, F. - *Histoire et histoires de vie*, Méridiens, Paris, 1983.
- LEWIS, O. - *The Children of Sanchez*, Peregrine Books, New York, 1983.
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P. - *Les récits de vie*, PUF, Paris, 1983; "Le concept d'ethnobiographie et les récits de vie croisés", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, vol. LXIX, 1890.
- BOURDIEU- P. - *Les sens pratique*, Minuit, Paris, 1980, "La paysannerie, une classe objet", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 17-18, 1977: 2-5.
- CUTILEIRO, J. - *Ricos e pobres no Alentejo*, Sá da Costa Lisboa, 1977.
- DIAS, J. - *Rio de Onor. Comunitarismo agro-pastoral*, Presença, Lisboa, 1981;



- DIAS, J.                    *Vilarelho da Furna. Uma aldeia comunitária*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1981.
- HIERNAUX, J. P.        - *Culture et maîtrise du devenir en milieu rural*, U.C.L., Louvain, 1972.
- KAYSER, R. (dir.)      - *Les sociétés rurales de la Méditerranée*, Edisud, Aix-en-Provence, 1986.
- LE ROI LADURIE, E.    - *Montaillou, village occitain (monographie modèle d'un village médiéval)*, Gallimard, Paris, 1975.
- FOLOSANA, G. L.       - *Antropologia cultural da Galicia*, Akal, Madrid, 1979.

## SOCIOLOGIA RURAL E URBANA

Docentes: Prof. Doutor António Custódio Gonçalves

Dr<sup>a</sup> Helena Carlota Ribeiro Vilaça

### I. Teóricas

#### 1. Objectivos.

- 1.1. Análise do espaço no seu uso e na sua percepção.
- 1.2. Lógica de apropriação e lógica de produção do espaço.
  - 1.2.1. Efeitos estruturais.
  - 1.2.2. Efeitos culturais.
- 1.3. Modelo explicativo.
- 1.4. Modelo de intervenção.

#### 2. Espaço e teorias sociológicas.

- 2.1. A difícil delimitação do "rural" e do "urbano".
- 2.2. As problemáticas tradicionais da análise urbana.
  - 2.2.1. Densidade, dimensão, heterogeneidade, anomia.
  - 2.2.2. Espaço e estrutura: estrutura espacial, modelos culturais, estrutura social, estruturas da personalidade.
  - 2.2.3. Estrutura e prática.

#### 3. Urbanização como processo de transformação.

- 3.1. A cidade e o campo numa sociedade pré-urbanizada.
- 3.2. O processo de industrialização.
- 3.3. A cidade como lugar privilegiado de urbanização.
- 3.4. A urbanização do meio rural.
- 3.5. Meios rurais, poder local e inovações.
- 3.6. A peri-urbanização: formas espaciais e formas culturais.
- 3.7. Incidência na família, nas classes sociais e na região.

- 3.8. Grandes projectos e transformações locais.
- 4. Trajectória da Sociologia urbana.
  - 4.1. Escola de Chicago, K. Marx, Durkheim, M. Weber.
  - 4.2. Tendências actuais.
- 5. Forma urbana e prática social.
  - 5.1. Mobilidade e enraizamento.
  - 5.2. Mobilidade e centralidade.
  - 5.3. O espaço do habitat e o espaço turístico.
  - 5.4. A casa, forma social.
- 11. Práticas
  - 6. Estruturas e práticas sociais no meio rural.
    - 6.1. A análise cultural.
    - 6.2. Os códigos institucionais do "real" e os códigos institucionais da prática social.
    - 6.3. Prática social e efeitos estruturais e culturais
  - 7. Estruturas e práticas sociais na cidade.
    - 7.1. Grandes projectos e actores locais.
    - 7.2. Linguagem e cultura: dinâmicas conflituais do espaço social.

## BIBLIOGRAFIA

- 1. BOURDIEU, P. - "La paysannerie, une classe objet", *Actes de la recherche en sciences sociales*, 17-18, 1977, 2-5.
- CASTELLS, M. - *Problemas de investigação em sociologia urbana*, Presença, Lisboa, 1975,
- LEDRUT, R. - *La révolution cachée*, Casterman, Paris, 1979.
- NEWBY; GUZMAN - *Introducción a la Sociologia Rural*, Alianza Ed., Madrid, 1983.

- REMY, J.; VOYE, L. - *La ville et l'urbanisation*, Duculot, Gembloux, 1974.
- REMY, J. - *La ville, phénomène économique*, Vie Ouvrière, Bruxelles, 1966.
2. BACHELARD, G. - *La poétique de l'espace*, PUF, Paris, 1983.
- BONNEMAISON, J. - "Voyage autour du territoire", *L'Espace Géographique*, 4, 1981, 249-262.
- BUTTIMER, A. - "Le temps, l'espace et le monde vécu", *L'Espace Géographique*, 4, 1979, 247-254.
- FREMONT, A. - *A Região, Espaço Vivido*, Almedina, Coimbra, 1980, pgs. 181-263.
- GALLAIS, J. - "De quelques aspects de l'espace vécu dans les civilisations du monde tropical", *L'Espace Géographique*, V, 1, 1976, 5-10.
- HALL, E. T. - *The Hidden Dimension*, Anchor Press, Doubleday, New York, 1966.
- HOYOIS, G. - *Sociologie rurale*, Editions universitaires, Paris, 1968.
- RAMBAUD, P. - *Société rurale et urbanisation*, Seuil, Paris, 1969.
- *Sociologie rurale*, Mouton, Paris, 1976.
3. BERGER, M. - "Rurbanisation et analyse des espaces ruraux péri-urbains", *L'Espace Géographique*, 4, 1980, 303-313.
- BOURDIM, A. - *Le patrimoine réinventé*, PUF, Paris, 1984.
- DAVIS, K. - *La ciudad: su origen, crecimiento e impacto en el hombre*, Hermann Plume, Madrid, 1976.
- HARVEY, D. - *Urbanismo y Desigualdad Social*, Siglo Veintiuno, Madrid, 1979.

- MORRILL, R. L. - "The Negro Ghetto: Problems and Alternatives", *Geographical Review*, 55, 1965, 339-361.  
- *The Spatial Organization of Society*, Wadsworth Pub. Comp., California, 1974.
4. JACOBS, J. - *The Death and Life of the Great American Cities - The Future of Town Planning*, Penguin Books, England, 1964.
- PAHL, R. (dir.) - *Readings in Urban Sociology*, Pergamon, London, 1968.
- WEBER, M. - *La ville*, Aubier-Montaigne, Paris, 1982.
- WIRTH, L. - "Urbanism as a way of life", *American Journal of Sociology*, 44, 1938, 1-24.
5. MERCER, Ch. - *Living in Cities. Psychology and the Urban Environment*, Penguin Books, England, 1975.
- CHOAY, F. - *L'urbanisme, utopies et réalités*, Seuil, Paris, 1965.
- REMY, J.; VOYE, L. - *Ville, ordre et violence*, PUF, Paris, 1981.
- RITCHOT, G.; FELTZ, C. - *Forme urbaine et pratique sociale*, Ed. du Préambule, Québec, 1985.
6. PINTO, J. M. - *Estruturas sociais e práticas simbólico-ideológicas nos campos*, Alrontamento, Porto, 1985.
- REMY, J.; VOYE, L.; SERVAIS, E. - *Produire ou Reproduire*, 2 tomos, Vie Ouvrière, Bruxelles, 1978 (t.1), 1980 (t.2).
7. ALTHABE, G. - *Urbanisation et enjeux quotidiens*, Anthropos, Paris, 1985.  
- *Urbanisme et réhabilitation symbolique*, Anthropos, Paris, 1985.
- LEDRUT, R. - *La forme et le sens dans la société*, Méridiens, Paris, 1984.
- PRETECELLE, Ed.; PINÇON-CARLOT, M. - *Ségrégation urbaine: classes sociales et équipements collectifs en région parisienne*, Anthropos, Paris, 1986.

## GEOGRAFIA LOCALIVA

Docente: Em vias de contratação

ESTATÍSTICA COMPLEMENTAR

Docente: Em vias de contratação

